

ENQUADRAMENTOS DO 8 DE JANEIRO: UMA ANÁLISE COMPARADA DE DOCUMENTÁRIOS DA FOLHA DE S. PAULO E DA GLOBONEWS

Framing January 8th: a comparative analysis of documentaries from Folha de S. Paulo and GloboNews

Encuadramientos del 8 de enero: un análisis comparativo de documentales de Folha de S. Paulo y GloboNews

Ercio Sena¹

Marcio Serelle²

Nara Lya Cabral Scabin³

DOI: 10.31501/esf.v3i31.15296

Resumo: O artigo discute o modo como os documentários *8 de janeiro: Anatomia de um ataque golpista* (Folha de S. Paulo) e *8/1 – A democracia resiste* (GloboNews) enquadram os atos antidemocráticos contra as sedes dos Três Poderes em 2023. A análise privilegia o eixo das personagens e abarca aspectos relativos à narratividade e materialidade das imagens. Entre os resultados, destacam-se a ideia de democracia vinculada ao âmbito institucional e o caráter des-historicizante presentes em ambos os filmes.

Palavras-chave: Golpe; 08 de janeiro de 2023; Documentário; Enquadramento; *8 de janeiro: Anatomia de um ataque golpista*; *8/1 – A democracia resiste*.

Abstract: The article discusses the way in which the documentaries *8 de Janeiro: Anatomia de um ataque golpista* (Folha de S. Paulo) and *8/1 – A democracia resiste* (GloboNews) frame the anti-democratic acts against the headquarters of the Three Powers in 2023. The analysis privileges the axis of characters and covers aspects related to the narrativity and materiality of the images. Among the results, we highlight the idea of democracy linked to the institutional scope and the de-historicizing character present in both films.

Keywords: Coup; January 8, 2023; Documentary; Framing; *January 8: Anatomy of a coup attack*; *8/1 Democracy resists*.

Resumen: El artículo analiza la forma en que los documentales: *8 de Janeiro: Anatomia de um ataque golpista* (Folha de S. Paulo) y *8/1 – A democracia resiste* (GloboNews) encuadran los actos antidemocráticos contra la sede de los Tres Poderes en 2023. El análisis privilegia el eje de los personajes y abarca aspectos relacionados con la narratividad y materialidad de las imágenes. Entre los resultados destaca la idea de democracia ligada al ámbito institucional y el carácter deshistorizador presente en ambas películas.

Palabras clave: Golpe; 8 de enero de 2023; Documental; Enmarcado; *8 de enero: Anatomía de un golpe de Estado*; *8/1 La democracia resiste*.

¹ Doutor; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil. erciosena@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-6683-2182>.)

² Doutor; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil. Pesquisador do CNPq. marcio.serelle@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-6124-5464>.)

³ Doutora; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil. naralvacabral@yahoo.com.br | <https://orcid.org/0000-0002-7121-1142>.)

Introdução

A tentativa de golpe de Estado por parte da extrema-direita, em 8 de janeiro de 2023, uma semana após a posse do presidente Lula, foi o ataque mais violento aos palácios de Brasília desde a Revolta dos Sargentos, em 1963, quando a cidade ficou sitiada⁴. Para Arantes, Frias e Meneses (2024, p. 31), a singularidade do 08 de janeiro reside principalmente em sua “dimensão política e simbólica, com as sedes dos Três Poderes da República tomadas e depredadas praticamente sem resistência militar ou policial”. Aproximadamente um ano depois, diversos veículos jornalísticos como *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *GloboNews* e *BBC* produziram reportagens e documentários sobre a intentona. Essas narrativas demonstram a carga acontecimental (Quéré, 2012) do episódio ao exporem o caráter disruptivo do 08 de janeiro, visto como um fenômeno desestabilizador de experiências que demanda trabalho interpretativo. O conjunto de obras que rememora a tentativa de golpe sugere que esse acontecimento irá se tornar uma data a ser revisitada com frequência pelo jornalismo brasileiro.

Neste artigo, analisamos o modo como documentários realizados por dois dos veículos jornalísticos mais importantes da imprensa liberal brasileira, *Folha de S. Paulo* e *GloboNews*, enquadraram o acontecimento, conferindo a ele sentidos e enfatizando determinada noção de democracia. *8 de janeiro: Anatomia de um ataque golpista* (*Folha de S. Paulo*) e *8/1 – A democracia resiste* (*GloboNews*) estruturam-se de modo semelhante, a partir das falas de entrevistados, muitos

⁴ Rebelião de sargentos e suboficiais contra decisão do STF que, com base na constituição de 1946, proibiu militares de se candidatarem a cargos políticos. Como recuperam Arantes, Frias e Meneses (2024), militares tomaram de assalto pontos estratégicos da capital. Um ministro do STF foi feito refém e “houve combate real na Esplanada dos Ministérios, resultando em baixas entre os rebeldes, mais de 500 presos, vários líderes condenados e expulsos das Forças Armadas” (Arantes, Frias & Meneses, 2014, p. 30).

Sena, E.; Serelle, M.; Scabin, N. L. C. Enquadramentos do 8 de janeiro: uma análise comparada de documentários da *Folha de S. Paulo* e da *GloboNews*.

Esferas, ano 14, vol. 3, nº 31, setembro/dezembro de 2024 | ISSN 2446-6190

deles compartilhados pelos filmes. No entanto, as narrativas possuem diferenças que modulam principalmente a representação dos atos violentos.

Para realizar a análise comparada, o artigo divide-se em quatro partes, para além desta introdução e das considerações finais. Na primeira, retomamos o acontecimento e algumas leituras produzidas acerca dele, que buscam compreendê-lo à luz de um cenário de fortalecimento da extrema direita no Brasil. Na segunda parte, apresentamos os dois documentários e debatemos aspectos relacionados ao próprio gênero, com o intuito de refletir sobre a forma e seu uso retórico pelo jornalismo. Depois, trazemos as noções de enquadramento e de autoria-criadora que norteiam a abordagem teórico-metodológica. Por fim, analisamos as duas narrativas, com ênfase nas falas dos entrevistados, aspectos de tessitura da trama e materialidade das imagens.

O acontecimento e algumas leituras

No dia 08 de janeiro de 2023, inconformados com os resultados das eleições, grupos de extrema direita atacaram simultaneamente e em curto espaço de tempo os edifícios-sede dos Três Poderes em Brasília, pedindo intervenção militar e depredando vidraças, mobiliários, obras de arte e símbolos dos poderes, entres outros patrimônios. As imagens daquele dia repercutiram no Brasil e no mundo afora, assim como a invasão do Capitólio, sede do Congresso estadunidense, dois anos antes⁵. No contexto brasileiro, o acontecimento desestabilizou os sentidos que pareciam consolidados uma semana antes, na posse do presidente Lula, mesmo que manifestantes permanecessem nos quartéis

⁵ Inconformados com a derrota de Donald Trump, apoiadores do ex-presidente promoveram a invasão do Capitólio, alegando fraude nas eleições presidenciais de 2020. No dia 06 de janeiro de 2021, durante a sessão do Congresso que confirmaria a vitória de Joe Biden naquela eleição, os trabalhos foram suspensos pela invasão perpetrada por centenas pessoas que conseguiram entrar no Capitólio, destruir objetos e ameaçar os congressistas que se retiraram do prédio.

pedindo intervenção militar em várias capitais. É a partir da ação disruptiva contra o Estado Democrático de Direito que o 8 de janeiro se inscreve como um acontecimento. Em decorrência de um processo cumulativo, os atos daquele dia rompem a superfície regular da política brasileira, reorientando novos sentidos e ações em seu poder hermenêutico, em sintonia com noção de *acontecimento* em Quéré (2012). Enquanto o governo apostava no esvaziamento paulatino dos quartéis, os atos antidemocráticos em Brasília revelaram o sentido vivo daqueles eventos, desnudando uma nova paisagem de conflitos nos quais outros embates seriam delineados.

Nos últimos 10 anos, o Brasil assistiu à extrema direita atuar no protagonismo da disputa do poder político. Nos espaços em que ela se faz presente, busca subverter, por dentro ou fora das instituições, as conquistas democráticas. No entendimento de Vladimir Safatle (2024), a direita consegue, diante da fragilidade da esquerda, formular uma saída à crise da democracia liberal e apresentar uma perspectiva insurrecional, um dos motivos de sua vitalidade.

A socióloga Ângela Alonso (2023) destaca que a extrema direita esteve em plena atividade nas duas últimas décadas. Numa combinação que envolve mídia, rua e judiciário, a tentativa de afirmar um discurso de irrupção democrática tem sido parte importante do debate político brasileiro. Entretanto, Alonso entende que é no período mais recente que a direita deixa de agir nas sombras para insurgir como a direita da luz do dia, atuando como protagonista de atos de rua antes hegemonizados por grupos ligados à esquerda. Em pesquisa intitulada “A cara da democracia”, realizada pelo Instituto da Democracia (IDDC – INCT), em setembro de 2023, Bianca Gomes (2023) mostra que a maioria dos brasileiros se dizem de direita, afirmando a popularidade dessas ideias em meio à opinião pública. Oito

meses após o início do terceiro governo Lula, os resultados mostravam que 22% dos brasileiros se declaravam de direita, contra 11% identificados com a esquerda.

Esse acúmulo inequívoco das forças reacionárias no Brasil é interpretado por Safatle (2024) como uma condição singular que transforma o país em laboratório experimental da extrema direita mundial. A experiência do 8 de janeiro, num ato tipicamente insurrecional, colaborou para projetar simbolicamente a direita brasileira no cenário mundial. Antes mesmo dessa tentativa de golpe, Bolsonaro prometeu, em ato público no dia 7 de setembro de 2021, não cumprir mais decisões da justiça brasileira, ameaçando o Supremo Tribunal Federal (STF). Depois de um rápido recuo, intermediado pelo ex-presidente Michel Temer, novas ameaças aconteceram antes, durante e depois do processo eleitoral.

Na conclusão da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) que investigou o episódio, o objetivo daqueles atos era desestabilizar o governo recém-empossado, levando-o a decretar um estado de sítio ou “[...] impor outro instrumento jurídico que produzisse efeitos similares, como a decretação de GLO (Garantia da Lei e da Ordem), sob a liderança das Forças Armadas [...]” (Correia, 2024, p. 10). Os mesmos militares que se acumpliciaram com as concentrações nos quartéis, onde o golpe era tramado, seriam apresentados como solução, tornando-se a alternativa de um governo enfraquecido.

No entendimento de Safatle (2024), o episódio do dia 8 de janeiro de 2023 representou um acúmulo de forças para a extrema direita brasileira. O filósofo trabalha com o conceito de “autoritarismo furtivo” para explicar a ação paulatina da extrema direita, visando a desacreditar o funcionamento institucional das democracias liberais. Esses processos seriam de longo termo, criando crises permanentes e impedindo os governos de atuar. Diante deles, o governo se coloca sempre em um estado excepcional, fragilizado por ter que agir defensivamente na maior parte do tempo. Como essa

extrema direita aposta também na ação insurrecional, as forças de esquerda são deslocadas para defender um Estado Democrático de Direito que, na realidade, sempre foi um Estado oligárquico.

A questão do gênero documentário

Na efeméride de um ano dos atos antidemocráticos, os documentários que escolhemos analisar – *8 de janeiro: Anatomia de um ataque golpista*, da *Folha de S. Paulo*, e *8/1 – A democracia resiste*, produzido pela *GloboNews* – revisitaram o acontecimento, buscando interpretá-lo e especular sobre seus desdobramentos. O primeiro documentário possui 42 minutos e 11 segundos e foi anunciado como parte de uma série de reportagens da *Folha* intitulada “Os segredos do 8/1”, publicada a partir do dia 3 de janeiro de 2024, a qual buscava, segundo o jornal, mostrar os bastidores dos ataques golpistas. Ainda assim, mesmo compondo essa série de reportagens, a obra foi apresentada como pertencente ao gênero documentário. A segunda produção audiovisual, da *GloboNews*, é mais extensa, com 1 hora, 7 minutos e 35 segundos. Chama-nos a atenção que apenas o filme da *GloboNews* designa seus diretores – os jornalistas Julia Duailibi e Rafael Norton. Julia Duailibi já havia dirigido, juntamente com Maira Donnici, outra produção documental da *GloboNews*, o filme *Visita, Presidente* (2022), sobre os dias de prisão de Lula na carceragem da Polícia Federal em Curitiba.

A direção no documentário e no cinema em geral configura-se, muitas vezes, como uma instância de autoria. O fato de Duailibi ser entrevistada pelo próprio jornalismo da Rede Globo, quando do lançamento do filme, em janeiro de 2024, indica o destaque dado a seu trabalho como diretora no documentário. No entanto, é sensível também – e talvez mesmo preponderante – a assinatura do canal *GloboNews* na realização da obra.

Por sua vez, *8 de janeiro: Anatomia de um ataque golpista*, documentário da *Folha*, como dissemos, não nomeia um diretor. Sua ficha técnica traz um conjunto de profissionais que atua na reportagem (aqui como atividade, não como gênero), fotografia, roteiro e edição, entre outros, mas não há, nela, propriamente um diretor. Sem a assinatura do diretor, o filme não segue uma convenção do documentário e realça, ainda mais, a condição autoral da empresa.

Há dois modos de analisarmos essa inscrição dos filmes no gênero documental. A primeira, de ordem textualista, a partir de aspectos internos à organização da narrativa audiovisual. Podemos assinalar alguns aspectos mais específicos (embora não exclusivos) da reportagem audiovisual que a caracterizam como gênero para pensarmos algumas distinções, pelo menos em termos de convenção, em relação à narrativa documental. A reportagem audiovisual é geralmente composta por elementos como narrativa em *off* do repórter, coberta por imagens; a passagem, em que o repórter aparece nas imagens, olhando diretamente para a câmera e conseqüentemente para o espectador; e entrevistas de especialistas ou de pessoas envolvidas com as questões da pauta. Além disso, a reportagem audiovisual, mesmo quando mais extensa e considerada “especial”, está geralmente inserida em um programa, sendo apresentada por um âncora ou apresentador.

Os dois documentários aqui analisados possuem estruturas diferentes dessa, primeiro porque se apresentam como produtos autônomos, que não estão inseridos dentro de um programa jornalístico específico. Como parte significativa das produções documentais contemporâneas, as duas obras não se utilizam da *voz de deus*, que frequentemente guiava os documentários em meados do século 20; assim, elas se constroem sem uma *voz em off* condutora. Os filmes narram a partir de dois recursos principais: 1) a montagem, que articula textos em “cartelas” ou intervenções gráficas com datas e

horários; imagens dos acontecimentos; e entrevistas; e 2) dentro dessa montagem, a fala dos entrevistados, que também narram, a partir de seus pontos de vista, os acontecimentos.

No documentário da *TV Folha*, há apenas uma intervenção de repórter, por meio de uma pergunta feita, quase ao final do filme, ao ministro da defesa, José Múcio Monteiro. Já no documentário produzido pela *GloboNews*, Duailibi aparece algumas vezes. Na primeira metade do filme, em contraplanos da entrevista realizada com o vice-presidente do Senado, Veneziano Vital do Rêgo. Sua presença nas imagens se torna mais frequente na parte final do filme, inclusive em cenas em que a diretora e repórter questiona alguns entrevistados sobre aspectos controversos. Convém assinalar, ainda, que, nesse documentário da *GloboNews*, há várias imagens de acontecimentos (posse do presidente Lula, em 1º de janeiro de 2023, e a tentativa de golpe, em 8 de janeiro de 2023, principalmente) extraídas da cobertura da *GloboNews* e que são narradas por repórteres e comentaristas do canal. Logo, há também esta instância narrativa a ser considerada, que traz a própria cobertura jornalística do canal.

Uma segunda forma de abordar a classificação das obras, por parte de seus produtores, como documentários é compreender o gênero como uma categoria cultural, sabendo que toda atribuição genérica situa a obra em determinada hierarquia (Mittell, 2004). Susan Murray (2004, p. 43, tradução nossa), em estudo sobre os enquadramentos institucionais dados a obras televisivas, afirma como o documentário é um gênero usualmente considerado como “intelectualizado, e se não completamente educativo, pelo menos informativo”.⁶ Documentários presumidamente possuem “peso social”, ao explorar questões políticas e culturais. Para Murray, contudo, “peso social” é menos uma característica

⁶ No original: “[...] high-minded, and if not fully educational, then at least informative”.

textual inerente do que “uma instância retórica que pode ser mobilizada em um esforço para endossar ou autenticar um texto televisivo particular e atrair audiências que estimam noções liberais de responsabilidade social e serviço público” (Murray, 2004, p. 44, tradução nossa).⁷ Por essa posição retórica, os documentários supostamente possuem forte significado social e histórico.

Sabemos que a reportagem, como gênero jornalístico, também possui, *a priori* e retoricamente, um “peso social”, uma vez que essas narrativas se firmaram, em uma tradição liberal, por meio de um viés reconhecido como informativo, pedagógico e de denúncia. A instância do documentário, todavia, parece ocupar, hoje, um lugar diferente daquele do jornalismo, atividade constantemente acusada de comprometimento ideológico. Por sua vez, essa forma de documentário, que abdica da narração em *off*, da condução explícita do repórter, e se constrói a partir de recursos que dão a impressão de que a narrativa do acontecimento se constrói pelas próprias imagens e falas das pessoas implicadas, é uma forma de afastar a dicção e o comando jornalísticos, propondo ao espectador uma outra estrutura, aparentemente mais múltipla (mas não necessariamente polifônica) em termo de vozes e mais criativa na produção e tratamento das imagens. Espera-se, do documentário, uma abordagem distinta dos acontecimentos, menos restrita e menos formatada do que as que usualmente encontramos nas narrativas televisivas do jornalismo.

Cotejando quadros narrativos: considerações teórico-metodológicas

A noção de *enquadramento jornalístico* ou *enquadramento noticioso* – uma das formas pelas quais tem sido operacionalizado o conceito de *frame* proposto na microsociologia de Erving Goffman

⁷ No original: “[...] a rhetorical stance that can be mobilized in an effort to endorse or authenticate a particular television text and attract an audience who cherishes liberal notions of social responsibility or public service”.

(Mendonça & Simões, 2012) – diz respeito às formas pelas quais jornalistas percebem, como acontecimentos dignos de nota, certas camadas do fluxo de atividades cotidianas. Analiticamente, a noção de enquadramento mostra-se útil do ponto de vista dos objetivos tanto de mapear elementos dos quadros mobilizados em narrativas individuais quanto de identificar os “quadros dominantes”, isto é, os enquadramentos interpretativos que se constroem a partir da repetição de enquadramentos ideológicos específicos (Casadei, 2009, p. 103).

A fim de examinar, nos documentários, os sentidos propostos para o ataque contra as sedes dos Três Poderes em 8 de janeiro de 2023, em Brasília, o diálogo com o conceito de enquadramento jornalístico mostra-se produtivo na medida em que possibilita sublinhar resultados de escolhas feitas pelas instâncias de produção das obras quanto à priorização de partes da realidade representada. Os/as *entrevistados/as ouvidos/as* e as *materialidades imagéticas* articuladas nos filmes são duas dimensões dos textos audiovisuais em tela que apontam para tais escolhas produtivas. Evidentemente, pensar em termos de escolhas desse tipo implica considerar que há também um fora do quadro jornalístico, o que nos interessa observar criticamente.

Ao mesmo tempo, a análise dos sentidos propostos ao acontecimento de 8 de janeiro de 2023 pelos documentários requer que se compreendam também as formas pelas quais essas partes são posicionadas e articuladas dentro dos quadros narrativos dos filmes. Para tanto, recorreremos à discussão sobre autoria apresentada por Bakhtin (2003). Mais precisamente, dialogamos com a noção de “autoria-criadora”, entendida como função discursiva que, recortada pelo viés valorativo de um “autor-pessoa”, refrata eventos sociais e discursos prévios conforme determinadas intencionalidades estéticas e posições ideológicas (Bakhtin, 2003; Faraco, 2005).

Desta feita, a identificação de quais vozes são representadas em textos narrativos audiovisuais como os que analisamos neste artigo é necessária, mas não suficiente para compreender o posicionamento semântico-axiológico assumido pela função de autoria-criadora, uma vez que a intercalação de planos enunciativos é capaz de viabilizar tanto a legitimação quanto a contestação de determinadas vozes, sua reafirmação ou ironização – e assim por diante. Por isso, a discussão acerca do modo como uma narrativa, por meio de sua autoria-criadora, posiciona-se em relação ao objeto da narração não poderia basear-se em elementos ou trechos isolados – ou, no caso deste trabalho, tão somente na identificação dos atores sociais entrevistados ou das materialidades imagéticas incorporadas à tessitura dos filmes, por exemplo; em lugar disso, deve considerar a composição arquitetônica dessas diferentes vozes sociais no todo do enunciado.

Personagens e materialidades imagéticas: as vozes nos/dos documentários

Dentre os recursos pelas quais os documentários *8 de janeiro: Anatomia de um ataque golpista e 8/1 – a democracia resiste* narram, merecem destaque as falas dos entrevistados. As tabelas 1 e 2, a seguir, relacionam as personagens selecionadas para compor o quadro narrativo de cada filme, listando-as em função da posição de suas falas na linha temporal dos documentários⁸.

⁸ Na elaboração das tabelas 1 e 2, foram considerados personagens diretamente entrevistadas pela produção do documentário, de modo que pessoas citadas ao longo de entrevistas, inclusive por meio de falas relatadas, não foram incluídas na tabulação.

Sena, E.; Serelle, M.; Scabin, N. L. C. Enquadramentos do 8 de janeiro: uma análise comparada de documentários da *Folha de S. Paulo* e da *GloboNews*.

Esferas, ano 14, vol. 3, nº 31, setembro/dezembro de 2024 | ISSN 2446-6190

TABELA 1
Personagens de 8 de janeiro: Anatomia de um ataque golpista (Folha de S. Paulo)

Personagens entrevistadas	Formas de identificação adotadas
Flávio Dino	Ministro da Justiça
Alexandre de Moraes	Ministro do Supremo Tribunal Federal
Luís Roberto Barroso	Presidente do Supremo Tribunal Federal
Ricardo Cappelli	Secretário-executivo do Ministério da Justiça e Segurança Pública
Gilmar Mendes	Ministro do Supremo Tribunal Federal
Edinho Silva	Prefeito de Araraquara
Rodrigo Pacheco	Presidente do Senado
Andrei Rodrigues	Diretor-geral da Polícia Federal
José Múcio Monteiro	Ministro da Defesa
Veneziano Vital do Rêgo	Vice-presidente do Senado
Marcelo Schettini	Secretário de Segurança do STF
Gilvan Xavier	Policial Legislativo
Luís Inácio Lula da Silva	Presidente da República
Alexandre Padilha	Ministro das Relações Institucionais

Fonte: Elaboração dos autores (2024).

TABELA 2
Personagens de 8/1 – A democracia resiste (GloboNews)

Personagens entrevistadas	Formas de identificação adotadas
Ricardo Cappelli	Secretário-executivo do Ministério da Justiça e Segurança Pública
Flávio Dino	Ministro da Justiça
José Múcio Monteiro	Ministro da Defesa
Luís Inácio Lula da Silva	Presidente da República
Alexandre de Moraes	Ministro do Supremo Tribunal Federal
Gilvan Viana Xavier	Diretor Adjunto da Secretaria de Polícia do Senado Federal
Veneziano Vital do Rêgo	Vice-presidente do Senado
Edinho Silva	Prefeito de Araraquara
Paul Peirre Deeter	Diretor do Departamento de Polícia Legislativa da Câmara
Alexandre Padilha	Ministro das Relações Institucionais
Arthur Lira	Presidente da Câmara dos Deputados
Randolfe Rodrigues	Senador e líder do Governo no Congresso Nacional
Beroaldo José de Freitas Júnior	Subtenente da Polícia Militar do Distrito Federal
Marcela da Silva Morais Pinno	Cabo da Polícia Militar do Distrito Federal
Jorge Messias	Advogado Geral da União
Marcus Vinicius Braz de Camargo	Chefe da Assessoria Especial Parlamentar do GSI
Rogério Brito de Miranda	Assessor Especial do GSI
Paulo Pimenta	Ministro-chefe da secretaria de Comunicação Social da Presidência da República
Mônica de Mesquita Miranda	Comandante-geral do Corpo de Bombeiros do DF
Ricardo Stuckert	Secretário de Audiovisual da Presidência da República

Fonte: Elaboração dos autores (2024).

No caso de 8 de janeiro: *Anatomia de um ataque golpista*, foram entrevistadas 14 personagens (TABELA 1), enquanto em 8/1 – *A democracia resiste*, foram colhidos depoimentos de 20 personagens

Sena, E.; Serelle, M.; Scabin, N. L. C. Enquadramentos do 8 de janeiro: uma análise comparada de documentários da *Folha de S. Paulo* e da *GloboNews*.

(TABELA 2). Destes, há nove entrevistados em comum entre as duas produções, quais sejam: Flávio Dino, Alexandre de Moraes, Ricardo Cappelletti, Edinho Silva, José Múcio Monteiro, Veneziano Vital do Rêgo, Gilvan Xavier, Lula e Alexandre Padilha. Esse conjunto de fontes aponta para o esforço, por parte dos dois documentários, em visibilizar as posições de representantes de instituições dos Três Poderes da República – enquadrados ora como vítimas dos atos antidemocráticos de 8 de janeiro, ora como salvadores da democracia brasileira.

Há, não obstante, diferenças, não pouco significativas, entre os documentários da *Folha de S. Paulo* e da *GloboNews*, no que diz respeito à frequência com que suas personagens aparecem na tela e a seu tempo de fala, bem como às formas como se constroem as relações entre as diversas vozes que compõem as duas obras. Em *8 de janeiro: Anatomia de um ataque golpista*, os depoimentos são articulados segundo uma lógica predominantemente argumentativa. Nessa arquitetura de vozes, as falas apresentam maior distanciamento temporal em relação ao acontecimento narrado, sendo posicionadas umas depois das outras, pela montagem audiovisual, à luz das relações lógicas e valorativas estabelecidas entre os posicionamentos expressos pelas personagens. Já em *8/1 – A democracia resiste*, verifica-se o predomínio de uma organização cronológica dos depoimentos, que são inseridos, no fio narrativo, em função da relação temporal que possuem entre si e com o acontecimento narrado. Exemplos destas distintas lógicas arquiteturais encontram-se nas aberturas dos documentários: enquanto o filme da *Folha de S. Paulo* tem início com declarações que expressam juízos de valor sobre o 8 de janeiro de 2023, procurando atribuir sentido ao acontecimento, a produção da *GloboNews* parte de falas que relatam o momento de provável maior tensão do acontecimento,

quando o alto comando do Exército não permitiu que o interventor federal Ricardo Cappelli e ministros do Governo acessassem o acampamento golpista e efetuassem prisões.

A tal diferença, relaciona-se um segundo ponto de distinção entre os filmes, decorrente da menor ou maior presença de personagens que cumprem papel testemunhal em relação ao 8 de janeiro e, em especial, à violência que marcou o acontecimento em tela. Isso porque, no caso de *8 de janeiro: Anatomia de um ataque golpista*, apenas uma personagem – o policial legislativo Gilvan Xavier – desempenha essa função. Presente também em *8/1 – A democracia resiste*, o tempo de fala de Xavier na produção da *Folha* é significativamente menor, e seu depoimento, mais contido: em sua primeira aparição, ele surge de costas, subindo a rampa do Congresso Nacional, enquanto sua voz, inicialmente em *off*, relembra os comandos enviados para a Polícia Legislativa quando os manifestantes golpistas romperam a linha da Polícia Militar.

Já na produção da *GloboNews*, Gilvan Xavier é inserido no olho do furacão do acontecimento quando Veneziano Vital do Rêgo relembra as conversas telefônicas entre os dois, durante as quais era possível ouvir, ao fundo, nas palavras do vice-presidente do Senado, “uma gritaria generalizada”. Vital do Rêgo narra: “quem estava à frente, comandando o grupo de 60 integrantes da força legislativa, era Gilvan”. Poucos segundos depois, o policial legislativo aparece movimentando-se rapidamente no Palácio do Congresso Nacional, no exato ponto em que, conforme registros feitos por câmeras de segurança incorporados ao filme, manifestantes golpistas aglomeraram-se no dia 8 de janeiro de 2023. O relato de Xavier reconstitui, com sinalizações espaciais precisas, as ações para evitar que a turba acessasse espaços fundamentais para o funcionamento do Senado.

Para além da fala de Gilvan Xavier, observam-se, em *8/1 – A democracia resiste*, outras seis personagens que contribuem para a construção da voz testemunhal no/do documentário, especialmente em relação à violência enfrentada na linha de frente de resistência às ações golpistas. São elas: Paul Pierre Deeter, Marcus Vinicius Braz de Camargo, Rogério Brito de Miranda, Beroaldo José de Freitas Júnior e Marcela da Silva Moraes Pinno. Destas, os dois últimos entrevistados, ambos integrantes da Polícia Militar do Distrito Federal, merecem atenção particular. Seus relatos reconstituem o confronto vivenciado no contato direto com os golpistas, o modo como foram agredidos, com chutes e barras de ferro, e o temor diante da morte iminente – depoimentos cuja carga dramática é adensada pela inserção de imagens de arquivo que mostram a dupla sendo atacada por manifestantes. Trata-se de contraponto significativo em relação ao documentário da *Folha de S. Paulo*, no qual policiais não apenas não são entrevistados, como são representados, por meio das vozes de outras personagens e da costura de depoimentos construída pela montagem audiovisual, como um bloco homogêneo.

Esse dado parece condizente com diferenças relacionadas às imagens a partir das quais os filmes são construídos, já que, no documentário da *GloboNews*, nota-se maior diversidade das materialidades imagéticas. Em *8/1 – A democracia resiste*, destaca-se, como dissemos, o uso de imagens extraídas da cobertura da própria *GloboNews*, que são incorporadas ao filme mantendo-se a presença de narrações de repórteres e comentaristas do canal. Entre as imagens, incluem-se registros da posse de Lula, em 1º de janeiro de 2023, passando pelo momento da diplomação do presidente e pela tentativa de realização de um atentado a bomba nas imediações do aeroporto de Brasília, em dezembro de 2022. Já no documentário da *Folha de S. Paulo*, a inserção de materiais extraídos da

cobertura jornalística ocorre de modo reduzido e tem baixa importância narrativa, operando como figurações ilustrativas das entrevistas.

Em *8/1 – A democracia resiste*, tem destaque também a presença de Ricardo Stuckert, secretário de Audiovisual da Presidência da República, personagem ausente de *8 de janeiro: Anatomia de um ataque golpista*. No documentário da *GloboNews*, a voz testemunhal de Stuckert materializa-se de duas formas: enquanto entrevistado, em uma rápida passagem na qual, em pé, ao lado da diretora Julia Duailibi, fala sobre o fato de invasores terem desligado as câmeras de segurança no momento em que acessaram o Palácio do Planalto; e enquanto autor de registros em vídeo inseridos ao longo do fio narrativo como elementos indiciários da atuação de Lula, que, de Araraquara, acompanhado do prefeito Edinho Silva, da primeira-dama Rosângela Lula da Silva e do próprio Stuckert, buscava articular, com seus ministros, formas de conter e desmobilizar os atos antidemocráticos. A incorporação desses registros ao texto audiovisual assinala a importância de Lula no quadro narrativo construído pela produção da *GloboNews*, destoando novamente do documentário da *Folha de S. Paulo*: longe de ser a principal personagem responsável por movimentar a ação ao longo da narrativa em *8/1 – A democracia resiste* – papel que parece pertencer à dupla Flávio Dino/Ricardo Cappelli –, Lula possui tempo de fala maior do que em *8 de janeiro: Anatomia de um ataque golpista*, no qual sua voz aparece apenas três vezes, durante 1 minuto e 12 segundos.

Mais relevante, porém, é o fato de Lula ser a última personagem a aparecer em *8/1 – A democracia resiste*. Um trecho de seu depoimento inserido aos 68 minutos e 7 segundos do filme – sucedido apenas por imagens de arquivo e cartelas contendo informações sobre punições aos responsáveis pelos eventos do 8 de janeiro – funciona como espécie de “conclusão” do documentário.

Na passagem, Lula afirma a necessidade de punição para quem executou e financiou os atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023. Dirigindo-se ora para a diretora/entrevistadora, ora para a câmera/audiência, o presidente encerra sua fala – e o filme: “Tem muita gente que tá na mira. E pode ficar certo que vai ser encontrado. É apenas uma questão de tempo”.

Trata-se de desfecho distinto daquele presente no documentário da *Folha de S. Paulo*. Neste, a última personagem inserida no fio narrativo é Luís Roberto Barroso, presidente do Supremo Tribunal Federal – voz presente em diversos outros momentos da obra. Encerra o filme um trecho do depoimento do ministro no qual ele afirma que no Brasil existe “certa dificuldade de punir”. Diz Barroso, em tom grandiloquente, antes de citar a canção *Fado Tropical*⁹, composta por Chico Buarque: “No momento em que os fatos acontecem, as pessoas têm uma reação muito indignada e querem uma punição; e, na medida em que o tempo vai passando, essa reação vai diminuindo e, em algum momento, as pessoas começam a ficar com pena”. Inserida imediatamente após uma fala de Lula sobre a possibilidade de o 8 de janeiro tornar-se um evento depurador da democracia no Brasil, a declaração opera como espécie de “fiel da balança” sobre o acontecimento.

O protagonismo do presidente do STF no documentário da *Folha de S. Paulo* pode ser justificado pelo fato de a instituição e seu prédio terem sido os alvos mais atacados na tentativa de golpe. Como afirmam Arantes, Frias e Meneses (2024, p. 37), “desde novembro de 2022, parcela dos ‘patriotas’ se apresenta como ‘manés em revolta’ contra o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e o STF, [vistos como] conjurados com o PT, o comunismo e o globalismo internacionais, que assolariam o Brasil”. A expressão “mané”, apropriada pela extrema direita, disseminou-se por meio de cena filmada

⁹ São citados os seguintes versos da canção: “E se a sentença se anuncia bruta/ Mais que depressa a mão cega executa/ Pois que senão o coração perdoa.”

Sena, E.; Serelle, M.; Scabin, N. L. C. Enquadramentos do 8 de janeiro: uma análise comparada de documentários da *Folha de S. Paulo* e da *Globonews*.

Esferas, ano 14, vol. 3, nº 31, setembro/dezembro de 2024 | ISSN 2446-6190

no final de 2022, quando Barroso, confrontado por um bolsonarista após a vitória de Lula, disse: “Perdeu, mané, não amola”. Arantes, Frias e Meneses (2024, p. 38) lembram, contudo, que Barroso, então combatido por bolsonaristas, já tinha sido objeto de críticas da esquerda ao chamar, no julgamento de suspeição de Moro no STF, “o PT de quadrilha e Lula de criminoso”.

Não obstante a importância narrativa da voz do STF nos documentários, especialmente na produção da *Folha de S. Paulo*, uma ausência chama a atenção em ambos os filmes: Rosa Weber, presidente do Tribunal à altura dos acontecimentos de 8 de janeiro de 2023, não é entrevistada. A magistrada é citada e aparece em imagens de arquivo incorporadas às narrativas, mas sua voz não é efetivamente enquadrada. De fato, os documentários são marcados pelo quase total apagamento de vozes femininas, sugerindo que, nos quadros narrativos construídos por *Folha* e *GloboNews*, tanto o golpe quanto o poder institucional são profundamente masculinos. Em *8/1 – A democracia resiste*, apresentam-se apenas três mulheres: a policial militar Marcela Pinno; a comandante-geral do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal Mônica Miranda; e Julia Duailibi, diretora do filme, cuja presença se manifesta pontualmente, em intervenções feitas durante algumas entrevistas. Já em *8 de janeiro: Anatomia de um ataque golpista*, não há quaisquer personagens mulheres. Sintomaticamente, Rosângela Lula da Silva, a Janja, embora pareça como presença constante nas narrativas – além de ser citada por diversas vezes ao longo dos documentários, sua imagem aparece em gravações de arquivo, especialmente no filme da *GloboNews*, a partir de registros feitos por Ricardo Stuckert –, não chega a corporificar-se por meio de sua própria voz.

Ainda sobre o que fica, total ou parcialmente, de fora dos quadros narrativos, merece detida atenção a relação entre os atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023 e o golpe militar de 1964. O

evento histórico é diretamente referido uma única vez no documentário da *GloboNews*, por meio de imagens da movimentação de militares de Juiz de Fora ao Rio de Janeiro, como forma de ilustrar uma fala de Ricardo Cappelli que estabelece um rápido paralelo entre os acontecimentos de 1964 e 2023. Já no documentário da *Folha de S. Paulo*, não há qualquer menção direta à ditadura civil-militar. Nos dois casos, a ausência de discussões mais consistentes sobre o passado ditatorial e a tensa relação entre militares e democracia no Brasil evidencia o predomínio de uma visão des-historicizada e des-historicizante sobre o 8 de janeiro e os processos de militarização da política e politização das Forças Armadas, que marcam toda a história republicana brasileira (Serra & Souza; 2021).

Apesar da quase total ausência de menções aos acontecimentos históricos que levaram à ditadura militar nos anos 1960, os documentários são marcados por um sentido vagamente fantasmático que assinala a presença constante da ameaça de golpe de Estado. Esse “fantasma do golpe” – conforme título do quinto bloco de *8 de janeiro: Anatomia de um ataque golpista*, da *Folha de S. Paulo* –, não se materializando como objeto do discurso das personagens, manifesta-se como alegoria no plano imagético: no caso do filme da *Folha*, intervenções realizadas no processo de edição conferem, a imagens que mostram a ação de manifestantes golpistas invadindo as sedes dos Três Poderes em 8 de janeiro de 2023, um aspecto distorcido, ruidoso, como o de uma TV que apresenta interferências (Figura 1) – “fantasmas”, no senso comum; na produção da *GloboNews*, por sua vez, imagens noturnas da fachada do quartel-general da 11ª Região Militar são inseridas em momentos nos quais depoimentos dão conta do processo de negociação entre generais e representantes do poder cível, que, a portas fechadas, pôs fim ao ataque golpista de 8 de janeiro de 2023. São imagens, como mostra a Figura 2, a seguir, que sugerem um sentido de obscuridade e uma atmosfera de medo.

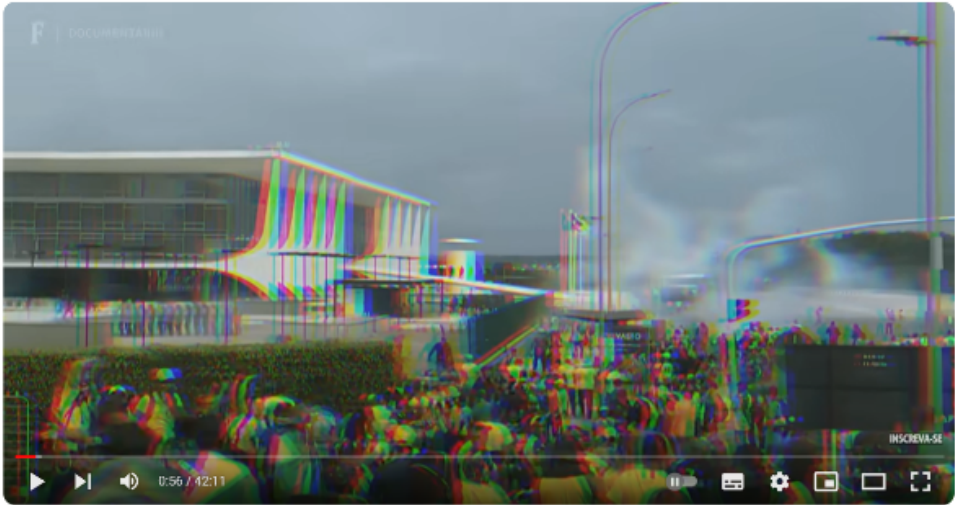


Figura 1 – Frame de 8 de janeiro: Anatomia de um ataque golpista, filme da Folha de S. Paulo (8 de janeiro: Anatomia de um ataque golpista, 2024).

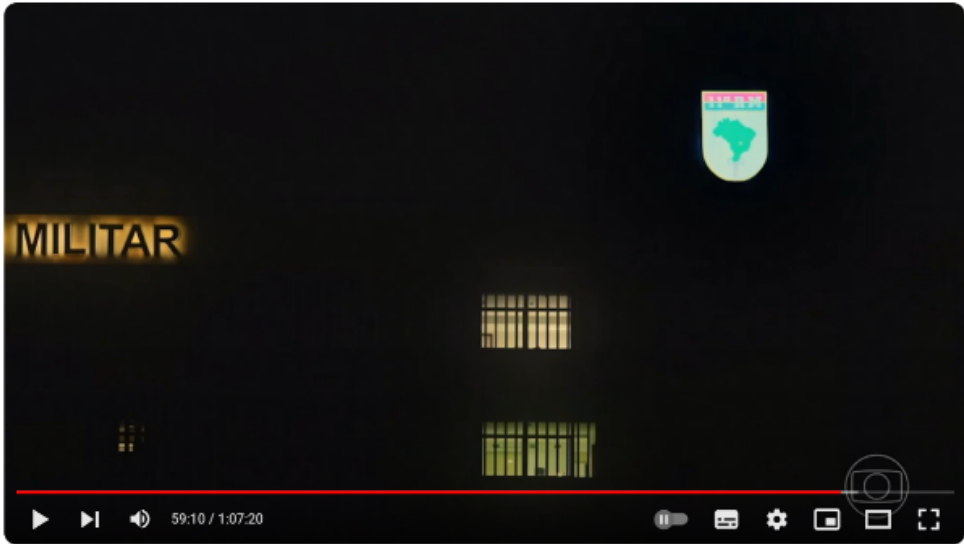


Figura 2 – Frame de 8/1 – A democracia resiste, filme da GloboNews (8/1: A democracia resiste, 2024).

Considerações finais

Com base nos apontamentos realizados ao longo deste artigo, conclui-se que a ênfase conferida à dimensão institucional da democracia coloca-se como principal ponto de aproximação entre as obras. Em termos dos posicionamentos semântico-axiológicos à luz dos quais as posições de autoria-criadora dos filmes refratam o acontecimento representado, chama a atenção também o fato de que, em ambas as produções, a montagem coloca em relevo declarações que atribuem ora a omissão, ora o envolvimento ativo do Exército nos atos antidemocráticos à ação de indivíduos isolados – e não à ação das Forças Armadas como instituição. Como dissemos, ambos os documentários se circunscrevem à intentona de 8 de janeiro de 2023, sem perspectivá-la em relação à atuação política das Forças Armadas ao longo da história brasileira, ainda que, na obra da *GloboNews*, Ricardo Cappelli estabeleça, quase ao fim do filme, rápida comparação com o golpe de 1964.

Uma diferença entre as narrativas é que, conquanto elas compartilhem parte significativa das personagens, *8 de janeiro: Anatomia de um ataque golpista*, da *Folha de S. Paulo*, privilegia vozes do STF, dando a última palavra a um ministro, Barroso, figura distante tanto do bolsonarismo quanto da esquerda, o que reforça o caráter institucional da noção de democracia propagada no documentário. *8/1 – A democracia resiste*, da *GloboNews*, por sua vez, permanece mais próximo ao presidente Lula, trazendo imagens da gestão da crise em Araraquara e elegendo uma fala do presidente para fechar o documentário. Ainda que, como dissemos, o sentido do 8 de janeiro como ataque às instituições democráticas prevaleça nesse documentário, é possível inferir que o acontecimento foi também uma tentativa de golpe contra o presidente Lula e, por consequência, a forças democráticas progressistas.

No que se refere à economia narrativa, a construção dramática do acontecimento é mais desenvolvida no documentário da *GloboNews*, que se inicia em *media res*, a partir do clímax situado na confrontação entre o interventor Cappelli e os militares. Outra sequência de forte apelo emotivo nesse documentário é a do testemunho de policiais, que, na linha de frente da batalha com os golpistas, quase foram mortos, o que demonstra a violência do atentado. Por fim, convém ressaltar, após a análise, que a denominação de documentário dada a essas narrativas por parte das empresas jornalísticas que as produziram deve ser compreendida principalmente como uma estratégia retórica. A classificação visa aproximar o exercício hoje do jornalismo liberal, também sob desconfiança tanto à direita como à esquerda dos espectros políticos, da reflexividade, ponderação e peso social, aspectos usualmente atribuídos a certos tipos de documentário.

Referências

8/1: A democracia resiste. (2024). *GloboNews*. Rede Globo.

8 de janeiro: Anatomia de um ataque golpista. (2024). *TV Folha*. Folha de S. Paulo.

Alonso, A. (2023). *Treze: A política de rua de Lula a Dilma*. Companhia das Letras.

Arantes, P. F., Frias, F., Meneses, M. L. (2024). *8/1 A rebelião dos manés*. Hedra.

Bakhtin, M. (2003). O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. Martins Fontes.

Casadei, E. B. (2019). Imaginários da masculinidade bem-sucedida e as narrativas de consumo na curadoria jornalística: o medo da despossessão financeira e o elogio à potência em VIP, GQ e L'Officiel Hommes. *InTexto*, n. 45, p. 99-120, mai./ago.

Correia, R. (2024). *CPMI do golpe*: Trechos do Relatório da CPMI do Golpe. Câmara dos Deputados, Deputado Rogério Correia.

Faraco, C. A. (2005). Autor e autoria. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. Contexto.

Gomes, B. (2023). Duas vezes mais brasileiros se dizem de direita do que de esquerda, indica pesquisa; confira os números. *O Globo*. 12 de set.

Mendonça, R. F., Simões, P. G. (2012). Enquadramento: diferentes operacionalizações de um conceito. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, n. 79, p. 187-235, jun.

Mittell, J (2004). *Genre and television*. Routledge.

Murray, S. (2024). I think we need a name for it. In. Murray, S., Ouellette, L. (Orgs.). *Reality tv – remaking television culture*. New York University Press. p. 40-56.

Quéré, L. (2012). A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: França, V., Oliveira, L. (Orgs.). *Acontecimento: reverberações*. Autêntica Editora.

Safatle, V. (2024). Vladimir Safatle: O que foi o 8 de janeiro de 2023 em Brasília. *Ópera Mundi*. 09 de jan.

Serra, C. E. A., Souza, L. A. F. (2023). Militarização e milicianização da Segurança Pública no Rio de Janeiro. *Rev. Sociologias Plurais*, v. 9, n. 1, p. 354-368.